



DA ESCOLA PARA O MERCADO DE TRABALHO

*Giane Kiefer
Claudiane Weber*

Linha 16 – O ensino da responsabilidade individual do aluno na educação inclusiva

Resumo: Os jovens e adultos com deficiência, possuem a necessidade de desenvolver sua autonomia. Para isso é fundamental a sua inclusão ao mercado de trabalho como pessoas com capacidades. Neste estudo se objetiva compreender na visão de uma instituição de apoio a pessoas com deficiências, como a escola auxiliou ou está auxiliando o aluno com deficiência a se inserir no mercado de trabalho. Os objetivos secundários consistiram em: a) verificar como os alunos com deficiência estão sendo preparados pela escola, para se inserir ao mercado de trabalho; b) entender qual apoio é dado às famílias que possuem familiares com deficiência. Os resultados apontam que os profissionais que atuam nas APAES, tem por objetivo de proporcionar e desenvolver a autonomia das pessoas deficientes e a sua inclusão no mercado de trabalho; o papel da escola ainda não é de inclusão e sim de inserção; nas famílias a deficiência acaba sendo uma relação de superação e angústia e o futuro acaba sendo incerto.

Palavras-chave: Escola. Mercado de Trabalho. Deficiência.

1. Introdução

No presente artigo abordaremos sobre deficiência e o mercado de trabalho, focando o papel da escola como coadjuvante do desenvolvimento de seus alunos. Também, se buscará compreender como outras instituições de apoio a pessoas com deficiência, auxiliam no crescimento dessas e de sua família.

Iniciamos, afirmando que todos os seres humanos são deficientes. Essa afirmação, se dá pelo fato de entendermos, que podemos apresentar alguma dificuldade em algum momento de nossas vidas. Quando falamos em deficiência logo imaginamos uma pessoa que apresenta uma dificuldade: motora, física, intelectual, visíveis aos olhos. Porém, o ser humano possui deficiências desde à infância, mas que não são caracterizadas como negativas, são as chamadas, dificuldades. Está visão social, passa da infância até a fase adulta, que ao se inserir ao mercado de trabalho sente o reflexo de todo um caminho percorrido em suas fases da vida.

A deficiência ganhou um papel de incapacidade perante a sociedade. Essa visão tomou forma, respingando dentro das escolas, que dizem não serem capazes de atenderem estes alunos. Está visão acaba sendo equivocada, pois a escola atende alunos diferentes a todo momento. Cada aluno tem suas especificidades, eles apresentaram dificuldade em matemática outros terão que enfrentar a leitura independente de um laudo de deficiência. Todas as pessoas apresentam dificuldade em alguma coisa, e isso será visível quando chegarem ao mercado de trabalho e

colocados na prática, tudo dependerá de como está a dificuldade se apresentará diante da pessoa, mas isso jamais a impedirá de fazer algo desde que aprenda e se adapte.

O ser humano independente de ter ou não deficiência ele faz parte de um contexto social, faz parte de uma família, que possui hábitos, isto faz com que o sujeito com deficiência seja ou não estimulado a se desenvolver. Isso não dependendo somente de um caso específico de deficiência, mas também aos sujeitos que se dizem “normais”, quando apresentarem uma dificuldade e a mesma não ser trabalhada em busca de melhorias, este sujeito apresentará esta deficiência no presente ou em alguma oportunidade futura.

Toda pessoa que já se fez presente em um ambiente escola em sua consciência, percebe, que a escola não exerce a inclusão que está no papel. O aluno com deficiência ainda está inserido, não incluso. Toda comunidade escolar finge aceitar, porém essa postura passa de geração em geração com um olhar de pena ou estranheza. As instituições de amparo as estas crianças, jovens e adultos, a APAE (Associações de Pais e Amigos Excepcionais), busca amparar estas pessoas, bem como as famílias, buscando gerar autonomia àqueles que precisam de uma atenção maior, buscam fazer um papel que também seria da escola, mas que na maioria das vezes não é feito. Também, busca-se nas APAES, trabalhar com os pais das pessoas com deficiência, conscientizando-os que o papel da família é fundamental e que eles sempre serão os principais estimuladores dos filhos, são os pais. Diante disso, se pretende responder a seguinte pergunta: como a escola auxilia o aluno com deficiência a se inserir no mercado de trabalho?

Temos como objetivo geral, compreender na visão de uma instituição de apoio a pessoas com deficiências, como a escola auxiliou ou está auxiliando o aluno com deficiência a se inserir no mercado de trabalho. Os objetivos secundários são: a) Verificar como os alunos com deficiência estão sendo preparados pela escola, para se inserir ao mercado de trabalho; b) Entender qual apoio é dado as famílias que possuem familiares com deficiência.

O embasamento teórico trará a visão de autores sobre a deficiência, norteando este artigo em torno da temática, que é tão questionada dentro das nossas escolas e em todo um contexto social, pois é sabido que muitos ainda se sentem despreparados ao convívio com a deficiência. Também traremos relatos sobre o desenvolvimento do sujeito com deficiência e como está sendo tratado o sujeito na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), que hoje ainda é uma referência de apoio aos deficientes e suas famílias.

2. Visão sobre deficiência, sua evolução e a escola

A deficiência muito presente na sociedade, não é algo desse século, e sim algo que vem percorrendo séculos. Atualmente já se fala com mais tranquilidade, de muitas décadas atrás, onde as crianças que aparentavam alguma diferença incomum eram escondidas de sua comunidade. Não se entendia por que uma criança nascia com alguma deficiência. Logo, a igreja julgava, que os pais eram pecadores; depois veio à tona a questão genética como causadora.

Segundo Mazzotta (1982, p.13), relata em sua obra, “Pode-se dizer que qualquer condição

converte-se numa deficiência se causa problema à pessoa portadora dessa condição ou às pessoas com quem ela vive”. Ou seja, para a deficiência sempre se terá diversas visões, e aqui queremos começar a compreender, e ir além das meras suposições. Não se trata de cura e sim de desenvolvimento pessoal de cada portador de deficiência.

Hoje, a lei ampara estas pessoas, que com o passar dos anos ganharam o direito de ir para a escola, frequentando turmas de alunos, considerados normais. Contudo, não se percebe esta ação como algo positivo, pois a escola não está incluindo o seu aluno e sim inserindo-o dentro de uma sala por ser direito dele como cidadão. Esta atitude acaba prejudicando o desenvolvimento do aluno, não se é trabalhado de forma efetiva com ele. Toda a escola age como se esse aluno não irá aprender, deixa-o de lado. Porém, esta postura irá prejudicá-lo futuramente, quando adulto. Corroborando para esta visão Mazzotta (1982, p. 14),

Estas variações ou diferenças são consideradas prejudiciais ou vantajosas, depreciações ou valorizações do mérito pessoal, de acordo com os significados a elas atribuídos pela sociedade. São as diferenças consideradas prejudiciais, em relação ao modo como a pessoa interage com seu ambiente, que se identificam como deficiências.

Entendemos diante dessa visão do autor, que é necessário que a escola entenda que cada aluno possui suas dificuldades, e por mais complicadas que elas sejam, é preciso que haja o incentivo. Estimular o aluno para que suas dificuldades não se tornem impedimento e sim uma evolução contínua.

Nenhum ser humano é igual, do mesmo modo, nenhuma deficiência será igual, por isso é preciso observar em qual situação esta pessoa se encontra. Não se pode tirar conclusões somente se baseando em laudos médicos, mas se deve incluir também o comportamento do contexto familiar. Ou seja, o que família oferece para o sujeito e como é o comportamento dela diante das dificuldades que ele apresenta.

Também é preciso observar o que a escola está lhe oferecendo, porque cada deficiência traz diferenças individuais.

Há diferenças profundas nos efeitos e na forma pela qual as pessoas reagem a um mesmo tipo e grau de deficiência. Assim sendo, nenhuma deficiência específica implica em problemas específicos a ponto de justificar qualquer visão estática e uniforme sobre seus portadores e suas consequentes classificações em uma categoria. Na medida em que, em várias áreas profissionais, o uso de classificações por categorias de deficiências se impõe as mais diversas é preciso que cada um de nós esteja atento ao fato de que em cada categoria há inúmeras diferenças individuais, na situação familiar, experiências de vida e ajustamento, além da extensão da deficiência propriamente dita. (MAZZOTTA, 1982, p.14).

A escola apresenta-se muitas vezes como o primeiro convívio social de umas crianças com deficiência. É importantíssimo que ela se familiarize com o ambiente, que deve trazer confiança a ela. Para isso, é necessário a conscientização de toda a sociedade diante da dificuldade que cada pessoa apresenta, buscando compreender e interagir com o indivíduo, fazendo com que ela se sinta praticante do meio. Nas palavras de Pimentel (2012, p. 11),

Verifica-se que as próprias pessoas com deficiência, no espaço escolar, enfrentam muitas dificuldades relacionadas à aceitação pelos colegas, ao entrosamento e relacionamento em grupo, ao preconceito, à rejeição e a discriminação.

Já desde o nascimento a criança enfrenta as barreiras do preconceito, na família, sociedade e na escola. De modo geral, as pessoas pensam que o deficiente não entende nada do que os outros falam, mas isso não é verdade. Mas sim, são seres humanos que pensam, que compreendem e sentem o preconceito.

2.1 A deficiência e o mercado de trabalho

A escola é fundamental na vida de todo ser humano. Ao falarmos de deficiência não é diferente. Ao completar o ensino médio na rede de ensino básico e ter tido todos esses anos o auxílio de associações de apoio, o sujeito com deficiência está se tornando adulto e necessita ter uma vida de adulto. Trabalhar, ter uma profissão também é o desejo de muitos deficientes.

Cada pessoa, independente da profissão, necessita de um aprendizado sobre qualquer tarefa que irá realizar, neste caso não é diferente. A pessoa com deficiência pode sim trabalhar, mas muitas vezes não há um incentivo para isso, a sociedade está muito acostumada ao assistencialismo e como consequência disso, o deficiente ou mesmo a pessoa dita normal, não desenvolve suas potencialidades. Ou seja, pelo fato de termos uma sociedade com pensamento assistencialista, a pessoa com deficiência é vista com o olhar de pena e não daquele olhar em que se sente apoio ao crescimento dele como indivíduo. É necessário que haja um trabalho que estimule a autonomia. Se dá as ferramentas de capacitação, mas também se dá a autonomia. Qualquer pessoa é capaz de aprender, da sua maneira e no seu tempo e com apoio. “Numa relação de ensino e aprendizagem, mediar significa fornecer níveis de ajuda” (WOOD; BRUNER E ROSS, 1976, *apud* COLL SALVADOR, 1994). É fornecendo apoio, ajuda, que desenvolvemos qualquer ser humano, jamais com pena ou assistencialismo e sim descobrindo aquilo que a pessoa melhor se encaixa.

Damos a conhecer um exemplo vivo, a história de Luana e o papel dos seus pais.

Luana Dallacorte, natural de Santo Ângelo no Rio Grande do Sul, é primeira mulher formada em fisioterapia com Síndrome de Down. Desde muito nova teve o incentivo dos pais, que não mediram forças para estimulá-la. Ela prestou a prova de vestibular, e passou. Depois, apresentou seu trabalho de conclusão de curso, e agora sonha em abrir uma clínica de fisioterapia, pois é apaixonada pelo mundo do pilates. E conclui falando “Meu objetivo é cuidar das pessoas” (CONHEÇA... 2019).

Com esta história, é possível perceber o papel dos pais no desenvolvimento dos seus filhos. A deficiência causa obstáculos, mas não impede que as pessoas evoluam, porém, o que é necessário é o estímulo e o incentivo trazido por todos aqueles do convívio dessas pessoas, que com frases e atitudes positivas conseguem enfrentar qualquer dificuldade que surgir.

3. Procedimentos metodológicos

Se trata de uma pesquisa exploratória, o que é qualitativa. O estudo realizado sobre este tema, foi realizado através de entrevistas com pessoas especializadas na área da educação especial e que atuam com crianças, jovens e adultos na APAE de Agudo/RS.

A pesquisa teve como objetivo analisar a visão que se tem da escola ao falarmos de alunos com deficiência e como a mesma está desempenhando o papel de auxiliar seus alunos com deficiência a se inserirem futuramente ao mercado de trabalho. Para isso buscamos informações dentro da Associação de Amigos e Pais Excepcionais (APAE), dialogando com profissionais que trabalham diretamente com crianças, jovens e adultos com deficiência.

O processo de coleta de dados foi obtido através de entrevistas com os profissionais da APAE, que relataram suas experiências com seus pacientes e as famílias. E também relataram como buscam desenvolver os frequentadores da associação para que desenvolvam a autonomia e futuramente se tornem adultos responsáveis por si mesmos.

4. Resultados: análise e discussão dos dados

A entrevista foi realizada com um psicóloga clínica (irá ser identificada como B) e uma terapeuta ocupacional (irá ser identificada como A). Elas relatam, que o principal objetivo delas como profissionais da APAE, não é trazer conteúdos para seus pacientes e sim desenvolver a autonomia de cada um deles, não só momentaneamente, mas também para que isso reflita futuramente. No decorrer da entrevista, surgiram vários questionamentos sobre a temática da pessoa com deficiência, e estas questões trouxemos abaixo, com as devidas respostas.

4.1 A deficiência e o mercado de trabalho?

De acordo com as nossas entrevistadas, este questionamento é muito comum surgir para pesquisadores, pais e até mesmo para as pessoas com deficiência, são raras as vezes que vemos pessoas com deficiência em algum local de atendimento ao público. Por isso as APAES, tem por objetivo de desenvolver a autonomia dessas pessoas.

A - *“Nosso objetivo aqui é proporcionar maior independência e autonomia, e claro vai incluir o mercado de trabalho”.*

B - *“então, a gente trabalha em prol disso ai, a gente sabe que hoje ainda existe muita dificuldade e também o mercado de trabalho de certa forma também, vem melhorando no sentido de gerar mais vagas, oportunidade para pessoas portadoras de deficiência, mas a gente sente e sabe obviamente, que teria que melhorar muito e dar mais oportunidades. Nos aqui com nossas crianças a gente vê que são pessoas com muita capacidade de assumir uma vaga, cada um com sua limitação, todos nós temos nossas limitações [...]”.*

4.2 Como vocês trabalham com os pais?

São as famílias que muito sofrem com a missão que lhes é dado. A deficiência acaba sendo uma relação de superação e angústia, que a cada dia surge e o futuro muitas vezes acaba sendo incerto.

B- *“A gente sempre diz para os pais, que chegam angustiados, perguntando: será que meu filho vai ter oportunidade, é capaz, vai poder trabalhar? Vai, tudo depende do estímulo, que a família dá, a gente aqui trabalha muito com a família, de dizer que eles são capazes mas, que eles também precisam respeitar a limitação, o tempo de cada um, assim como de qualquer pessoa”*.

A- *“É um trabalho em conjunto, porque aqui a gente atende a maioria dos casos uma vez na semana, então tu dar o estímulo uma vez na semana, durante um período de meia hora, quarenta minutos, é muito curto, é um tempo muito curto. Então a gente sempre conversa de em casa atuarem como coo terapeutas, deles darem o estímulo, a gente passa orientação para eles trabalharem em casa para eles darem o estímulo, pois eles estão em tempo integral com as crianças”*.

B- *“Eu tenho meu grupo de mães aqui, uma vez na semana, e a gente conversa muito sobre essa angústia, essa luta que é a inclusão dos seus filhos, o sofrimento de muitas vezes tu chegar na escola e tu não haver essa inclusão, que tanto está no papel, então a gente sabe que é difícil o professor com vinte alunos na sala de aula e dar uma atenção especial”*.

4.3 A escola na visão de vocês?

Com o passar dos anos e mesmo com toda evolução que a área da educação teve, ainda o papel da escola não é de inclusão e sim de inserção.

O aluno está inserido dentro de uma sala, o professor precisa aceitar ele lá dentro, porque existe uma lei. Profissionais da educação se dizem não estar preparados, porém, não buscam se aperfeiçoar. Precisamos ter consciência de que o aluno não se adapta a escola, é a escola que deve se adaptar ao aluno.

B - *“Hoje, a gente percebe que ainda as escolas não estão totalmente preparadas para receber pessoas com deficiência, a inclusão está muito no papel, infelizmente a gente acaba falhando muito com isso, pois a gente trabalha conteúdos, e sim trabalha com autonomia, independência, agora a escola a gente entende que aqui no município, não sei exatamente quantos educadores especiais existem aqui, mas é muito pouco. As crianças que vão em escola regular frequentam uma vez na semana aqui e uma vez na semana a educadora especial na escola, em meia hora tu não consegue fazer muita coisa”*.

É preciso que os profissionais se qualificam cada vez mais, para que não haja medo de desenvolver esses alunos. Todo profissional que estará diante de um aluno com deficiência, precisa acreditar nele como pessoa, e acreditar em seu profissionalismo.

4.4 O artesanato?

O artesanato, se tornou uma forma de terapia para muitas pessoas e também, para muitos é uma forma de ganho de renda. Na APAE, esse trabalho é feito para beneficiar os seus queridos pacientes como terapia e também como forma de renda.

B- *“É feito pelos alunos, e isso influencia no mercado de trabalho, tem uma menina que vende chaveirinho, outro vassouras de palha, gerando renda”.*

A deficiência nada mais é do que dificuldades que uma pessoa apresenta, o não a faz ser menos ser humano. Por isso é preciso que haja um trabalho em conjunto de todos. A escola é formadora de intelecto, por isso deve sempre buscar aperfeiçoamento, conforme Voivodic (2004, p. 40),

Para que esses avanços se efetivem é necessário garantir a formação de todos os profissionais da escola, a adaptação curricular e o trabalho de apoio aos pais de modo que favoreça uma educação de qualidade para todo.

O ensino de qualidade, e o desenvolvimento da autonomia das pessoas com deficiência é possível sim, basta todos procurarem a qualificação. Assim toda e qualquer pessoa com deficiência serão excelentes profissionais.

5. Considerações finais

O papel da escola está sendo fundamental, porém, não suficiente para as pessoas com deficiência. É preciso buscar mais conhecimento e preparo por parte da escola. E também maior acessibilidade por parte da sociedade. A família, a escola, as empresas, a sociedade, precisam modificar sua visão sobre deficientes, não é de assistencialismo que eles precisam e sim de credibilidade em suas capacidades. As pessoas com deficiência não precisam de uma sociedade julgadora com palavras negativas e sim de pessoas que abram as portas da sociedade como seres humanos e sem julgamentos.

É preciso que os professores estimulem cada um de seus alunos como seres únicos com suas capacidades e limitações. O aluno cadeirante pode ser um ótimo escritor ou empresário, a menina com síndrome de Down pode ser a melhor vendedora de uma loja ou a melhor professora de educação física, o aluno autista pode ser pintor, ou até mesmo um músico de alguma banda. Todas as pessoas são capazes só é preciso o incentivo e a confiança de que qualquer um é capaz de fazer aquilo que gosta, por ter capacidades e não assistencialismo.

O empresário ao contratar um funcionário, não poderá esperar que ele saia fazendo o seu trabalho. Primeiro ele precisará se apresentar como cada coisa funciona e quais as técnicas, depois de um tempo o seu funcionário irá fazer aquilo que é de seu dever, contribuindo com a empresa e aprendendo o verdadeiro significado do coleguismo. Lembrando que ajuda não significa ausência de autonomia em desenvolver uma atividade.

6. Referências bibliográficas

CONHEÇA a História de Luana Dallacorte: 1ª Fisioterapeuta com Síndrome de Down. Realização de Voll Tv. Santo Angelo: Voll Tv, 2019. (4 min.), vídeo, son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GoTDrusC84E>. Acesso em: 30 nov. 2020.

PIMENTEL, Susana Couto. **Conviver com a Síndrome de Down em escola inclusiva: mediação pedagógica e formação de conceitos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MAZZOTTA, Marcos José da Silveira. **Fundamentos de Educação Especial**. São Paulo, SP: Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 1982.